

*A viagem
de Violeta*

2º Edição - Copyright © 2022 dos autores

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98.

Catálogo na Fonte

Silva, Alexandra Lima da
A viagem de Violeta / Alexandra Lima da Silva : Ilustração
Priscila Paula. - - Belo Horizonte, MG : Priscila Paula, 2022.
28p. : il.color.;23cm.

Inclui bibliografia.

1. Literatura infanto-juvenil.2.Educação - História.3.Século
XIX.I. Paula, Priscila.I.Título.

CDD - 028 . 5

Alexandra Lima da Silva

Ilustrações

Priscila Paula

*A viagem
de Violeta*

FICHA TÉCNICA

1º Edição por Appris Editora

2º Edição por Priscila Paula - Distribuição Gratuita

Autora: Alexandra Lima da Silva

Ilustradora: Priscila Paula



Distribuição Gratuita

Para todas as pessoas que
acreditam nos sonhos.

Agradeço a FAPERJ
pelo apoio.



Era dia de Cosme e Damião, e Violeta passou o dia de aventura em aventura, correndo atrás de doce na vizinhança. Não podia perder os doces do senhor Malaquias, os melhores do bairro!

A garotada fazia era fila para não correr o risco de ficar sem as gostosuras!



Cansada de tanto correr e brincar, Violeta esqueceu completamente da lição de casa: uma redação sobre a história da sua escola....

Por que sua escola tem esse nome? Escreva uma redação contando essa história.

- E agora? Esse trabalho vale nota e eu não posso dizer que não fiz, porque estava correndo atrás de doce...

Com pouco tempo para fazer a tarefa, Violeta correu até o celular da mãe para fazer a pesquisa. O plano de dados não permitia usar por muito tempo, então ela precisava ser rápida... Navegando na internet, Violeta descobriu uma reportagem datada de 1971, publicada no jornal **Correio da Manhã**.

Violeta descobriu que ela estudava numa escola muito antiga que tinha sido criada há mais de 100 anos atrás, num tempo em que, infelizmente, havia escravidão no Brasil.

Ela ficou muito intrigada pelo fato de a escola não ter recebido o nome do homem que a fundou.

O nome dele era Zózimo, mas era conhecido por todo mundo como Zé Índio... Já era tarde, e Violeta ainda não tinha começado a escrever a redação, quando adormeceu por cima da folha em branco...



100 ANOS
Escola Zé Índio



... E Violeta acordou numa escola muito diferente.

Era noite, e havia apenas uma sala na escola toda. As cadeiras eram improvisadas. E havia muito verde ao redor. Havia adultos e também crianças na sala. A maioria era negra. Violeta também observou que as roupas de todos eram diferentes do uniforme que ela usava na escola dela.

- Onde estou? Quem são vocês? - perguntou assustada.

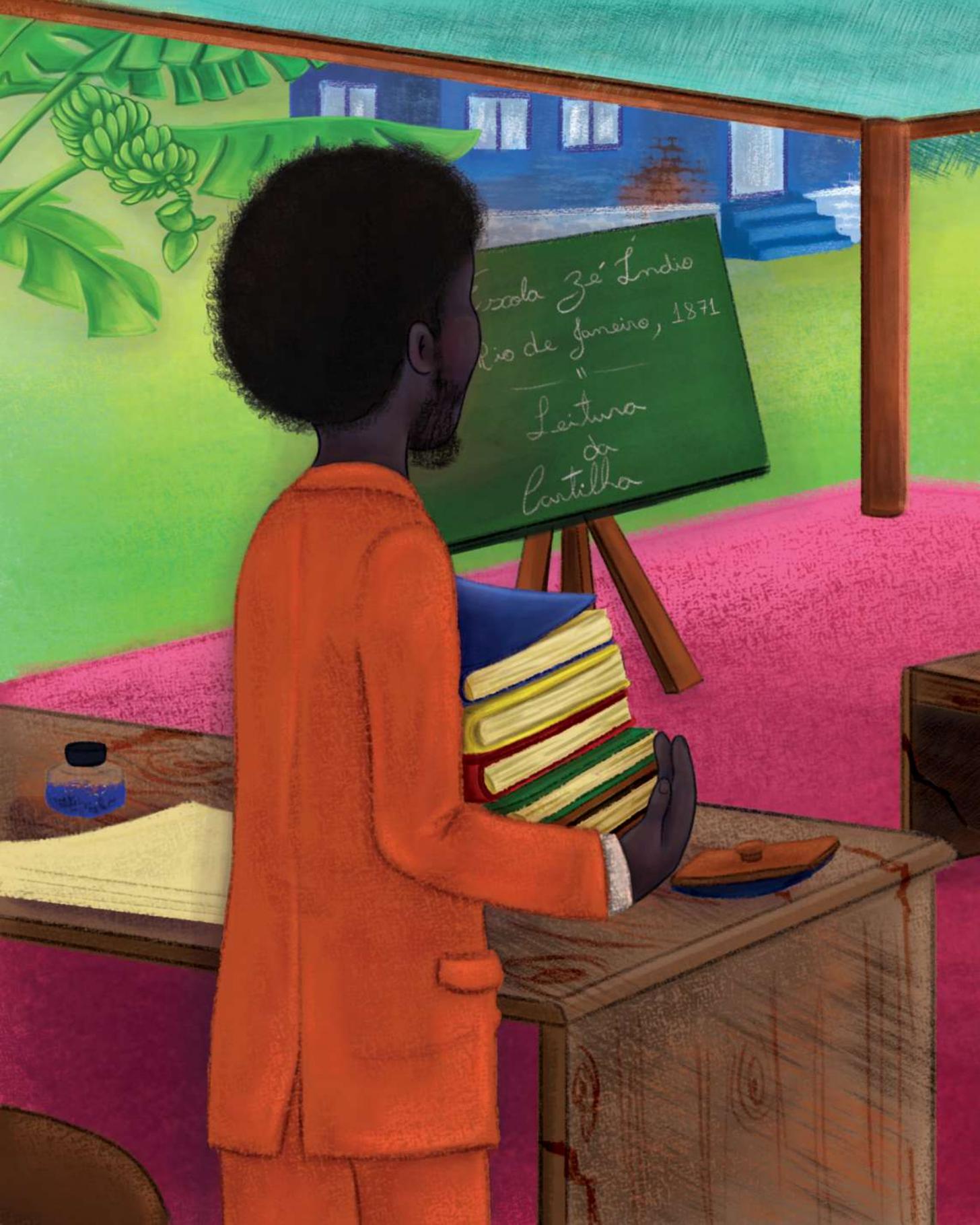
Uma menina, que parecia ter a mesma idade de Violeta, respondeu:

- De novo, Violeta? Estamos na Escola Zé Índio. E hoje é dia de cartilha, não me diga que também esqueceu... Professor Zózimo vai ficar zangado com você!

Violeta arregalou seus belos olhos cor de jabuticaba e pensou:

- Devo estar numa máquina do tempo! Como eu consegui isso?





Escola Ze' Lindio
Rio de Janeiro, 1871
" "
Leitura
da
Cartilha

Foi quando o professor chegou carregando muitos livros nas mãos. Ele era negro, alto e usava sapato e terno.

- Hoje é dia de leitura da cartilha! Todos precisam estar afiados - disse o professor.

Foi quando Violeta levantou a mão:

- Professor Zózimo, posso fazer uma pergunta?

- Sim, Violeta, prossiga.

- Dizem que o senhor viajou o mundo todo. Mas, se o senhor já foi cativo, como dizem, como pode ter viajado tanto?

- Deixa o professor dar aula, Violeta! — exclamou uma coleguinha.

Professor Zózimo pareceu não se incomodar com a pergunta de Violeta e fez questão de responder.

- Essa é uma pergunta que sempre me fazem, viu, Violeta? Como eu, que nasci na escravidão, posso ter viajado o mundo? E o que eu fiz com todo esse conhecimento?

E continuou:

- Violeta, uma vez eu li uma frase que dizia: “O conhecimento torna o homem inadequado para ser escravo”. Eu decorei essa frase e eu sempre a repito. É nisso que eu acredito, e é por isso que vocês estão aqui, com todos vocês. Por isso, eu abri esta escola. Por isso eu compartilho com vocês o pouco que eu sei.



- Mas, o professor sabe muito, e nós gostamos de estudar com o senhor! - gritou ao fundo um aluno.

Zózimo prosseguiu no relato:

- Quando eu era menino, assim, da idade de vocês, muita gente dizia que eu não seria capaz de aprender a ler, e eu aprendi. Depois disseram que eu mal conseguiria escrever meu nome, e eu aprendi a escrever muitas frases. Depois me disseram que eu jamais sairia dos arredores da fazenda, e eu viajei o mundo. Muitas vezes. Daí disseram que eu não seria livre, e eu juntei dinheiro e, com muita luta, conquistei minha alforria. Foi quando disseram que eu seria o único, e eu decidi abrir esta escola. Gente como nós sempre teve muitas oportunidades para acreditar que não é capaz ou que não mereceria viver em liberdade. Nós merecemos. Nós merecemos o mundo. Nós merecemos a melhor escola. Nós merecemos morar no melhor lugar. Nós merecemos os melhores livros. Nós merecemos saber nossa história por nós mesmos. Nós merecemos ter sonhos.





O nome da minha Escola
O homem que fundou a escola em que
eu estudo se chamava Zé Índio.
Ele me ensinou a ler e a escrever.

...Foi quando Violeta acordou. Ela estava de volta à escola do século 21.

- Violeta, você quer vir aqui na frente apresentar seu texto? — perguntou a professora.

Violeta sorriu.

Ela sabia exatamente que história iria contar...

educação

Escola fundada por escravo faz 100 anos

Fundada pelo escravo Zózimo, mais conhecido por Zé Índio, a Escola 8-2-VI Luiz Delfino, que funciona na Rua Marquês de São Vicente, 230, completou ontem, 100 anos de funcionamento.

Sua diretora, a Professora Graziela Faustino da Costa, dirigiu as festividades que marcaram a participação da Escola na educação de milhares de crianças residentes na Gávea. Os 475 alunos que frequentam, atualmente, os três turnos da Escola Luiz Delfino, também participaram da cerimônia cívica e da missa em ação de graças por Zé Índio.

A história

A Escola Luiz Delfino nasceu do ideal de um escravo que, por esforço próprio, conseguiu transmitir seus conhecimentos. Queria elevar o padrão de vida do povo.

Escravo Zózimo morava num casebre construído no terreno da atual Pontifícia Universidade Católica (PUC). Era apadrinhado da tradicional família de Pedro Pereira da Silva. Pedro Pereira da Silva gostava de Zé Índio. E resolveu levá-lo à Europa para fazer companhia a seus filhos.

A alfabetização de Zé Índio foi rápida. Conheceu as letras, observou o amor à cultura e ao trabalho. De volta ao Brasil decidiu que iria ensinar, dar um pouco do que havia recebido.

A escola de Zé Índio nasceu em 1871, num alpendre na Rua Marquês de São Vi-

cente, na esquina do Beco do Buraco, hoje Rua Duque Estrada. Os primeiros alunos eram filhos de escravos libertados mediante pagamento de meia pataca.

Com a morte de Zé Índio, a família Pereira da Silva doou o terreno e o prédio. Surgiu, então, a Escola Cartilha de Matemática para o Liberto, que em 1885 foi entregue à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Gávea, só para meninos.

Em 1891, houve nova transformação, surgindo a Escola de Prendas Domésticas para Meninas. No ano seguinte, a Irmandade entregou a direção da escola à municipalidade. Foi em 1922, quando as autoridades mudaram os nomes de várias escolas do então Distrito Federal, que a escola fundada por Zé Índio passou a se chamar Luiz Delfino.

Atividades

A Professora Graziela Faustino da Costa conta que, apesar do pouco espaço, a Escola vem crescendo muito. Com quatro salas de aula e funcionando em três turnos, tem 475 alunos, 14 professores e condições suficientes para realizar um trabalho pedagógico da melhor qualidade.

— As crianças, todas elas, são boas: Não há criança má, mas sim má educação, explica Graziela que espera que a família Pereira da Silva volte a ajudar a escola, assim como na época de Zé Índio.

Para saber mais...

A luta da população negra por educação no Brasil é reconstituída a partir de recortes e rastros. Por meio de uma pequena notícia no jornal, intitulada “Escola fundada por escravo faz 100 anos”, fiquei sabendo da existência de Zózimo, escravizado que fundou uma escola para escravizados e libertos no Rio de Janeiro oitocentista. Acredito que o papel da pesquisa histórica seja também o de dar visibilidade a sujeitos que não são lembrados nos livros dedicados à memória nacional.

Conhecido como “Zé índio”, Zózimo morava num casebre construído num terreno onde hoje fica a Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). Ainda de acordo com a nota no jornal, Zózimo se alfabetizou rapidamente e “conheceu as letras, observou o amor à cultura e ao trabalho”.

Letrado, Zózimo acompanhou a família de Pedro Pereira da Silva em viagem à Europa e, no retorno, sentiu que deveria fazer algo para melhorar a vida do povo e transmitir o conhecimento conquistado por ele.

Acreditava Zózimo que a educação era uma janela para a liberdade.

Ainda de acordo com a notícia publicada no jornal Correio da Manhã, datada de 1971, é possível saber que “A Escola Zé Índio nasceu em 1871, num alpendre na Rua Marquês de São Vicente, na esquina do Beco do Buraco” e que “os primeiros alunos eram filhos de escravos libertados mediante pagamento de meia pataca”.

Com o falecimento de Zé Índio, foi criada a Escola da Cartilha de Matemática para o Liberto, “que em 1885 foi entregue à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Gávea, só para meninos” (CORREIO DA MANHÃ, 1971, s/p). Ainda no século XIX, a escola foi apadrinhada por D. Pedro II, recebendo o título de Escola do Imperador (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, s/p). Atualmente, a antiga escola fundada por Zózimo recebe o nome de Escola Municipal Luiz Delfino e integra a rede municipal do Rio de Janeiro, no bairro da Gávea.

Referências

CORREIO DA MANHÃ. Escola fundada por escravo faz 100 anos. Rio de Janeiro, 26 ago. 1971. p. 4. In: BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 4 ago. 2021.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. *Escolas do Imperador*. Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Alexandra Lima da. *Jardim secreto: educação como desejo de liberdade na diáspora africana*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021.



Alexandra Lima da Silva

Meu nome é Alexandra, e meus amigos me chamam de Xandra ou Alê. Eu nasci em outubro de 1980, no Rio de Janeiro. Sou a filha caçula. Gosto de livros desde criança e, por isso, aprendi a inventar histórias antes mesmo de aprender a ler. Gosto de viajar, e já morei no exterior, na Espanha e nos Estados Unidos. Sou graduada e mestre em História pela UFF e doutora em Educação pela UERJ. Sou professora da Faculdade de Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sou autora dos livros infanto-juvenis *As rosas que o vento leva* e *Flores de ébano*. Nas redes sociais é: @alelimas10/





Priscila Paula

É artista visual formada em Cinema de Animação e Artes Digitais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha com ilustração e animação. Ilustrou os livros: *As rosas que o vento leva*; *Celular*; *Fatia de uma vida*; *Como nascem as ditaduras*. Nas redes sociais é: @priihpaula/

